



A Senda nos

Estudos da

Língua Portuguesa 2

Fabiano Tadeu Grazioli
(organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli
(organizador)

A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A474	A senda nos estudos da língua portuguesa 2 [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa; v.2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-493-1 DOI 10.22533/at.ed.931192407 1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Pesquisa – Brasil. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. II. Série. CDD 469.5
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A imagem do caleidoscópio pode representar de maneira satisfatória este segundo volume de *A senda nos estudos da Língua Portuguesa*, isso porque – sendo o referido aparelho óptico formado internamente por pequenos fragmentos de vidro colorido e espelhos inclinados, que, através do reflexo da luz exterior, apresentam combinações variadas a cada movimento – os trabalhos que compõem o volume partem de diferentes veredas do âmbito das linguagens para se unirem e oferecerem um panorama diverso e complexo de estudos que, dependendo do movimento e da perspectiva de quem olha/lê, pode apresentar múltiplos caminhos (ou sendas, como bem registramos no título) que, contemporaneamente, a Língua Portuguesa percorre no âmbito das pesquisas acadêmicas.

Do lugar de que olhamos para o caleidoscópio agora, como organizadores da obra – que é a experiência de quem olha para cada fragmento de vidro colorido, cada um por sua vez –, cabe fazer alusão à temática de cada capítulo-fragmento, na tentativa de transmitir a multiplicidade de enfoques que as linguagens recebem aqui. Assim, cabe listar como temáticas dos capítulos, na ordem que aqui aparecem: o lugar e o papel da linguagem oral nas relações de ensino-aprendizagem da língua, tomando como pontos de investigação as proposições didáticas em materiais selecionados pelo Plano Nacional do Livro Didático e a exploração e a sistematização da proficiência das habilidades relacionadas à linguagem oral, assim como fazem com a leitura e a escrita; os resultados da experiência de planejamentos e materiais visando a atender questões práticas do ensino da Língua Inglesa na Educação Básica, protagonizada pelo subprojeto PIBID Letras/Inglês da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campos Belos; os problemas concernentes à elaboração e codificação da norma padrão no Brasil, tendo em vista seu papel na consolidação da variedade nacional brasileira e, por conseguinte, no fortalecimento do discurso acerca do pluricentrismo do português; a futuridade no português brasileiro verificado na oralidade e a sua ocorrência em outra face da língua: a escrita; a literatura brasileira diaspórica e os hibridismos culturais e linguísticos.

Ainda no campo das trocas entre a Língua Portuguesa e a Literatura, são disponibilizados mais dois capítulos: um sobre a hibridização dos gêneros impulsionada pela modernidade, que propiciou aos autores uma nova estética dentro na criação literária, tendo como corpus de análise crônicas de Fabrício Carpinejar; e outro sobre o ensino da literatura à luz da complexidade e da transdisciplinaridade. Voltando ao campo da Língua Portuguesa, o capítulo seguinte trata do ensino de Português – Língua Estrangeira (PLE), na República Popular da China (RPC), e a abertura para o ensino do Espanhol no referido país. Os temas dos capítulos que vêm na sequência são: a maneira como o livro didático aborda questões relacionadas ao gênero textual/discursivo e como orienta os docentes à prática do ensino fundamentado neles, uma vez que tal compreensão é importante para a

avaliação de como as teorias de gênero vêm sendo transpostas didaticamente para a realidade escolar do Ensino Fundamental; a fala e a escrita, a partir da análise de duas situações discursivas produzidas por um sujeito político, quais sejam: um texto escrito, lido no Plenário do Senado Federal, em dezembro de 2012, por um Senador da República, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e um texto oral, mais precisamente uma entrevista radiofônica concedida pelo sujeito, em agosto de 2013, a uma estação de rádio de uma cidade do interior de Pernambuco; a avaliação do livro didático *Terra Brasil*, utilizado como instrumento de transmissão da língua e cultura brasileira inserido no curso e estratégia metodológica do Centro de Cultura Brasileiro em Telavive, enquanto material didático e instrumento adotado como “ponte” para a formação de um imaginário coletivo condutor à realidade brasileira em termos culturais e linguísticos, relevante no contexto sociolinguístico particularmente heterogêneo de um país de imigração recente como Israel.

À continuação, surgem como temas dos capítulos: uma reflexão no contexto da genealogia da ética de Michel Foucault a respeito de práticas do sujeito em relação a si mesmo, em termos de cuidados e estetizações do próprio corpo e da subjetividade; a escrita colaborativa *on-line*, intermediada pelo docente, e sua contribuição para a melhoria do processo de produção textual dos discentes, a partir de reflexões teóricas e de uma metodologia que propôs a produção textual do gênero crônica valendo-se do *Google Docs*, com uma turma de 1ª série do Curso Técnico de Agroindústria Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Norte de Minas de Gerais (IFNMG), *campus* Salinas; o discurso construído em um texto acerca da educação corporativa, entendida como pertencente ao pilar da Responsabilidade Social, que focou a situação enunciativa explicitada em uma produção textual veiculada no Relatório de Sustentabilidade 2014 de uma multinacional de capital aberto, a Marcopolo, a partir de três análises: a dos dados linguísticos, a dos argumentos e a das estratégias de comunicação empreendidas no texto selecionado para o estudo.

Os últimos capítulos da coletânea tratam: da educação bilíngue para surdos (a oportunidade de aprender a língua de sinais), bem como a compreensão dessa língua espaço-visual e o papel que ela exerce dentro da escola para o aluno surdo e nas relações entre professor-aluno, no momento das atividades pedagógicas; da elaboração de estratégias para a prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa para estrangeiros, como interação e cultura, no contexto nacional e local, considerando as perspectivas de aprendizagem dos alunos no Curso de Português para Estrangeiros, no âmbito da Universidade Estadual do Maranhão; da realização linguístico-textual das operações da interpelação do outro e da referência ao outro (re)conhecidas como formas de tratamento, em função da noção de gêneros de texto, perspectivada pelo Interacionismo Sociodiscursivo; da importância do léxico na compreensão da linguagem matemática e a relação que, efetivamente, se estabelece entre a língua portuguesa e a linguagem matemática, uma vez que o não entendimento da primeira poder-se-á associar, de forma direta, ao desconhecimento do vocabulário utilizado

e à incompreensão da segunda; da didática da linguagem escrita dos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tomando a alfabetização como processo discursivo e um processo de construção de sentidos – no qual se aprendem, pelo uso, as funções sociais da escrita, as características discursivas dos textos escritos, os gêneros utilizados para escrever e muitos outros conteúdos de diferentes áreas do conhecimento mediatizados pela interação, interlocução e interdiscursividade; dos critérios de identificação e análise de unidades fraseotermológicas da energia solar fotovoltaica.

Os estudos apresentados foram produzidos por pesquisadores de diversas instituições nacionais e estrangeiras, como o leitor poderá perceber na abertura de cada texto. As metodologias de pesquisa também são diversas, uma vez que a multiplicidade só pode ser a marca de uma coletânea que é organizada a partir de uma chamada com abertura para o diverso.

Agora, cabe ao leitor que chegou até a obra-caleidoscópio mirá-la a partir do seu enfoque e buscar no conjunto de perspectivas que a experiência da leitura que um artefato tão diverso pode oferecer, os textos que são do seu interesse. Que a experiência da leitura seja tão interessante quanto é olhar para um ponto fixo pelo enquadramento do caleidoscópio.

Fabiano Tadeu Grazioli

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O LUGAR DA ORALIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS RECOMENDADOS PELO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO	
Leandro Alves dos Santos Amélia Escotto do Amaral Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9311924071	
CAPÍTULO 2	15
GÊNEROS TEXTUAIS E LETRAMENTO CRÍTICO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÈSICA	
Beatriz Garcia da Silva Cristiane Rosa Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9311924072	
CAPÍTULO 3	25
O PROBLEMA DA NORMA <i>PADRÃO</i> NO BRASIL. UMA REFLEXÃO SOBRE PLURICENTRISMO, CONSTITUIÇÃO DE VARIEDADES NACIONAIS E CODIFICAÇÃO LINGUÍSTICA	
Virginia Sita Farias	
DOI 10.22533/at.ed.9311924073	
CAPÍTULO 4	38
O FUTURO PERIFRÁSTICO NA ESCRITA JORNALÍSTICA MANAUARA	
Jussara Maria Oliveira de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.9311924074	
CAPÍTULO 5	52
A LITERATURA BRASILEIRA DIASPÓRICA E OS HIBRIDISMOS CULTURAIS E LINGUÍSTICOS	
Lucênia Oliveira de Alcântara Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9311924075	
CAPÍTULO 6	59
O CONFICIONAL NAS CRÔNICAS DE FABRÍCIO CARPINEJAR, UM ESCRITOR HÍBRIDO: SEU ITINERÁRIO DA PROSA À POESIA	
Carlos Henrique de Souza Larissa Cardoso Beltrão	
DOI 10.22533/at.ed.9311924076	
CAPÍTULO 7	71
TRANSDISCIPLINARIDADE, ENSINO E LITERATURA: IMPLICAÇÕES ÀS VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS	
Rosemar Eurico Coenga Fabiano Tadeu Grazioli	
DOI 10.22533/at.ed.9311924077	
CAPÍTULO 8	83
O APOIO INSTITUCIONAL NO ENSINO DE PLE – UM ESTUDO COMPARATIVO	
Luís Filipe Pestana	
DOI 10.22533/at.ed.9311924078	

CAPÍTULO 9	96
CONCEPÇÕES DE GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Ericson José de Souza	
Benedito Gomes Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.9311924079	
CAPÍTULO 10	108
INTERFACE FALA-ESCRITA NO DISCURSO DE UM SUJEITO POLÍTICO	
Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho	
Daniela Paula de Lima Nunes Malta	
Mário Pereira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.93119240710	
CAPÍTULO 11	116
AVALIAÇÃO DO LIVRO TERRA BRASIL – CURSO DE LINGUA E CULTURA ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LINGUA ESTRANGEIRA	
Irith Gabriela Freudenheim-Levy	
DOI 10.22533/at.ed.93119240711	
CAPÍTULO 12	127
ESTETIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE: FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE CUIDADO DE SI	
Kleber Prado Filho	
DOI 10.22533/at.ed.93119240712	
CAPÍTULO 13	137
A ESCRITA COLABORATIVA <i>ON-LINE</i> : REFLEXÃO SOBRE UMA PRÁTICA DE PRODUÇÃO TEXTUAL	
Ana Clara Gonçalves Alves de Meira	
DOI 10.22533/at.ed.93119240713	
CAPÍTULO 14	145
DISCURSO DA EDUCAÇÃO CORPORATIVA: ESTUDO DA SITUAÇÃO ENUNCIATIVA EM UM TEXTO DO RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE 2014 DA MARCOPOLO S.A	
Marta Cardoso de Andrade	
Manoel Joaquim Fernandes de Barros	
Hélder Uzêda Castro	
DOI 10.22533/at.ed.93119240714	
CAPÍTULO 15	160
ESCREVER EM L2 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA DE UM ALUNO SURDO	
Claudia Regina Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.93119240715	
CAPÍTULO 16	172
TEACHING-LEARNING OF PORTUGUESE LANGUAGE AS INTERACTION AND CULTURE	
Edimara Sales Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.93119240716	

CAPÍTULO 17	182
DO [e3mu] AO EXCELENTÍSSIMO	
LEARNING AND TEACHING TITLES OF CIVILITY	
Isabel Maria Matos Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.93119240717	
CAPÍTULO 18	196
DA COMPREENSÃO DAS PALAVRAS À APREENSÃO DOS CONCEITOS: UM CONTRIBUTO DA LÍNGUA MATERNA À LITERACIA MATEMÁTICA	
Carla Isabel Abrantes Silva	
DOI 10.22533/at.ed.93119240718	
CAPÍTULO 19	208
APRENDER E ENSINAR A ESCREVER: LIMITES E POSSIBILIDADES	
Ana Lúcia Nunes da Cunha Vilela	
Bruna Fernandes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.93119240719	
CAPÍTULO 20	221
AS UNIDADES FRASEOTERMINOLÓGICAS DA ENERGIA SOLAR FOTOVOLTAICA: CRITÉRIOS DE IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE	
Manoel Messias Alves da Silva	
Cristina Aparecida Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.93119240720	
SOBRE O ORGANIZADOR	233
ÍNDICE REMISSIVO	234

ESTETIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE: FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE CUIDADO DE SI

Kleber Prado Filho

Psicólogo pela Pontifícia Universidade de Minas Gerais/Brasil; Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo/Brasil; Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Caçador/SC – Brasil

RESUMO: Este texto, apresentado originalmente como palestra, desenvolve uma reflexão no contexto da genealogia da ética de Michel Foucault a respeito de práticas do sujeito em relação a si mesmo em termos de cuidados e estetizações do próprio corpo e da subjetividade. Tais práticas são produções históricas que se modificam com o tempo e importa conhecer suas diferentes formas ao longo da cultura ocidental. Neste sentido, destacam-se diferentes experiências éticas em nossa cultura: entre os gregos antigos; os romanos na passagem à era cristã; na cultura cristã, ao longo do período feudal e na cultura moderna. Resta conhecer então as formas contemporâneas de cuidado e estetização de nossos corpos e subjetividades que são objetos desta análise.

PALAVRAS-CHAVE: cuidado de si; subjetivação; genealogia da ética.

ESTETIZATION OF SUBJECTIVITY: CONTEMPORARY FORMS OF CARE OF SELF

ABSTRACT: This text was originally presented as a lecture and it develops a reflection about the ethic's genealogy of Michel Foucault regarding the subject practice about itself in terms of care and aesthetize of its own body and subjectivity. Those practices are historical productions that modify themselves over time and it is important to know about their own different forms throughout the western culture. In this matter we highlight different ethics experiences in our culture: among the ancient greeks; the Romans in the passage to the Christian era; in Christian culture throughout the feudal period and in modern culture. It remains to us knowing the contemporary ways of care and aesthetization of our own bodies e subjetivities which are the main topic of this analysis.

KEYWORDS: care of the self; subjetivation; genealogy of ethics.

I – **Sobre a temática:** esta reflexão trata de uma questão ética e imediatamente política, molecular, microfísica, muito central ao nosso modo de vida ocidental moderno, capitalista, referente às formas contemporâneas de cuidado, estetização e produção de nós

mesmos, tendo em conta que a concepção de ética de Foucault difere da perspectiva habitual à tradição da filosofia moderna, que é racionalista, de natureza reflexiva, centrada na consciência de um sujeito livre e autônomo capaz de discernir entre o certo e o errado, deslocando sua análise para um domínio de relações do sujeito consigo mesmo, ou práticas de si, trabalhos e elaborações do sujeito em relação a si mesmo, sobre seu corpo e sua subjetividade, nas quais ele se constitui como sujeito ético-moral, tratando também de práticas de resistência às ações normalizantes dos dispositivos de poder operantes em nossas sociedades.

Tais relações do sujeito consigo mesmo não dizem respeito a um autocentramento, mas devem ser entendidas no contexto de práticas microfísicas de poderes disciplinares e normalizantes, de jogos de verdade de discursos e de estéticas corporais, também relativas à subjetividade, que circulam em nossa cultura, nas ruas, na mídia, na moda, em estilos e modos individuais de ser cada vez mais singularizados entre nós. Vale lembrar que a subjetividade é um modo de ser histórico característico da modernidade, um enunciado que confere singularidade ao indivíduo e marca a sua identidade, o que significa dizer que esta forma de existência, este efeito de singularidade e esta convicção subjetiva e corporal de identidade perante si mesmo e os outros são produzidos em correlação com práticas de poder e normalização, jogos de verdade e estéticas circulantes.

Neste contexto destaca-se a figura do dispositivo de poder, elemento central das análises genealógicas, que se apresenta como uma complexa, multifacetada e heterogênea articulação de poder, de difícil visibilidade, característica da modernidade. Este não deve ser confundido com um aparelho, organização ou instituição – essas figuras concretas são apenas o seu suporte material – mas deve ser entendido como um “novelo” ou emaranhado de linhas de enunciação, de força, modos de subjetivação e linhas de fuga, que remetem a práticas de transgressão, de resistência e de liberdade, num movimento de enfrentamento dos seus efeitos normalizantes e subjetivantes. Esta é uma figura desenhada a quatro mãos por Foucault e Deleuze que tem como objetivo principal, segundo eles, a produção de subjetividade.

O que aqui se denomina “estetização da subjetividade” diz respeito a todo um conjunto de trabalhos do sujeito sobre si mesmo no sentido de produzir-se em sua singularidade, a partir da sua história, em relações com a norma, com enunciados, em jogos de verdade, de identificação, em práticas de objetivação e subjetivação, tendendo a uma composição estética de si mesmo como um mosaico ou bricolagem.

II – Faz-se importante, logo de saída, apontar diferentes empregos possíveis do termo “cuidado de si” no contexto das análises que compõem a genealogia da ética de M. Foucault :

- existe um sentido mais amplo, não demarcado historicamente, que se refere a uma diversidade de práticas do sujeito em relação a si mesmo, práticas de si, trabalhos realizados sobre si mesmo, estetizações, produções de si, ca-

racterizados ou não como uma “tecnologia”, presentes em uma sociedade, uma cultura, em diferentes momentos históricos. Dessa perspectiva, cada sociedade, em diferentes momentos, produziria suas próprias tecnologias de si, suas formas características de relações do sujeito consigo mesmo, suas próprias formas de cuidado de si. Tomadas em sentido amplo as técnicas de cuidado de si podem assumir formas mais ativas, produtivas – características das culturas antigas – ou mais reativas, negadoras e assujeitantes, características das culturas cristã e moderna;

- e existe também um emprego marcado do termo, que remete à cultura romana dos séculos II AC a II DC, designada por Foucault “cultura do cuidado de si”, objeto do estudo apresentado no IIIº volume da sua “História da sexualidade”. Este emprego, historicamente demarcado, aponta para um conceito fundamental no contexto dos estudos éticos de Foucault, (1990) referente à historicidade das “experiências éticas” no Ocidente. Não experiência de um sujeito singular, nem experiência ontológica, essencial – experiência humana – mas, experiência anônima, impessoal, nas suas próprias palavras: “experiência coletiva, historicamente concreta”, à qual estamos todos sujeitos em certo tempo e cultura.

III – As trajetórias percorridas na genealogia da ética de Foucault (1990) desenham 4 experiências éticas na cultura ocidental:

- a experiência heroica da estética da existência predominante na cultura grega entre os séculos IV e II AC, caracterizada pelo domínio ativo do sujeito sobre si mesmo; pela relação necessária entre o governo de si e o governo dos outros, o que caracteriza uma indissociabilidade entre ética e política; experiência descrita no volume II da “História da sexualidade: O uso dos prazeres”;
- a experiência do cuidado de si, predominante na cultura romana entre os séculos II AC e II DC, marcada por um conjunto de cuidados ativos do sujeito sobre si mesmo que objetivam longevidade e acesso à sabedoria; experiência apresentada no volume III da “História da sexualidade: O cuidado de si”;
- a experiência reativa, hermenêutica, confessional e interiorizada característica da cultura cristã entre o século IV DC e os séculos XV e XVI, centrada na problemática da “carne”, que é objeto do volume IV da “História da sexualidade: As confissões da carne” (“Les aveux de la chair” no original em francês), recentemente publicado e lançado pela Editora Gallimard na França, após quase trinta e cinco anos passados da sua morte.
- e a experiência propriamente moderna, a partir dos séculos XVIII e XIX, centrada nas problemáticas do sujeito, da subjetividade e da sexualidade, experiência curiosamente tratada no volume I da “História da sexualidade: A vontade de saber”, mesmo não estando este trabalho incluído no contexto dos seus estudos éticos.

Vale ressaltar a complexidade da experiência ética moderna que engloba elementos de todas as experiências antecedentes – da estética da existência grega, do cuidado de si romano e da hermenêutica confessional interiorizada cristã – além de introduzir suas próprias invenções: o racionalismo cartesiano, o utilitarismo e o produtivismo capitalistas, o individualismo liberal, a moral burguesa,

a heteronormatividade sexual, elementos constitutivos da cultura e da subjetividade moderna.

Além dessas “novidades” nos domínios da ética não se deve esquecer que a modernidade introduziu também suas próprias tecnologias de poder, caracterizadas por Foucault como biopoderes, ou poderes que tomam a vida como objeto, que investem na vida e nos corpos dos sujeitos: as disciplinas e a anátomo-política dos corpos; a vigilância e o panoptismo como laboratórios de produção de efeitos de subjetividade; as técnicas de individualização, marcação e identificação de corpos e sujeitos; os jogos de normatização e normalização; a ação dos dispositivos de poder em termos de objetivação e subjetivação de sujeitos. Relações com a norma como saber/poder objetivante, bem como a sua subjetivação, são características centrais da experiência ética moderna, porque a produção de subjetividade se dá nas confluências de práticas de objetivação e subjetivação dos sujeitos. Vamos retomar esta importante questão mais adiante.

IV – Considera Foucault (1990) que a cultura ocidental é marcada por dois tipos relacionados de atenção do sujeito a si mesmo: o “ocupa-te de ti mesmo” e o “conhece-te a ti mesmo”, materializados em práticas e formas cotidianas de cuidado e de conhecimento de si mesmo em diferentes momentos históricos. Aponta ele ainda, que nas sociedades antigas, grega e romana, predominava o princípio do cuidado de si sobre o do conhecimento de si, sendo o primeiro condição para o segundo. No entanto, com a falência do Império, com o declínio da cultura romana e a decorrente emergência da ética cristã, acontece uma inversão entre esses dois princípios, passando a prevalecer a partir de então o conhecimento de si como condição para o cuidado e o trabalho sobre si mesmo. Este acontecimento inaugura um tipo de relação hermenêutica e reativa do sujeito consigo mesmo na cultura ocidental.

Em seu livro: “A genealogia da moral” Nietzsche (1988) refere-se a este acontecimento histórico e político como “revolta escrava da moral”, ou, a falência da cultura antiga, constituída por valores nobres, condutas ativas, heroicas, e a emergência da cultura cristã, composta por valores de compaixão, por costumes, práticas sociais e formas reativas de relação do sujeito consigo mesmo.

Mas o que caracteriza uma relação reativa do sujeito consigo mesmo? R: manter uma relação interiorizada consigo mesmo, por em movimento um permanente “exame de consciência”, colocar-se em questão como objeto de uma escavação e vigilância de si mesmo objetivando a produção de um conhecimento interiorizado sobre si, além de um discurso assujeitante sobre si mesmo. Implica ainda sustentar uma relação centralmente negadora do corpo, dos prazeres, da intensidade de vida, que coloca em jogo a verdade, a culpa, a renúncia, a mortificação e a salvação – porque na ética cristã não há salvação sem dor, sofrimento e negação de si mesmo. E é quase desnecessário dizer que a experiência ética moderna é debitária de

algumas dessas formas reativas e negadoras do sujeito em relação a si mesmo, ao seu corpo e aos prazeres, herdadas da ética cristã.

V – Tudo isso constitui um conjunto díspar de condições de possibilidade para aquilo que nos interessa, que são as formas modernas e contemporâneas de cuidado e produção do sujeito em relação a si mesmo, o que aponta para um emprego amplo, não marcado do termo.

Assim como a ética moderna é herdeira de uma relação negadora do sujeito com seu corpo, seus prazeres seus sentimentos e desejos, pela mesma proveniência cristã, ela herda ainda um tipo de relação interiorizada e hermenêutica do sujeito consigo mesmo.

Isto, pela importância ocupada na ética cristã – mas também moderna – pela prática de confissão. Esta prática introduz um tipo de relação na qual o sujeito busca a verdade no “interior” de si mesmo, que opera como decifração de si, das suas próprias faltas, seus próprios erros, pecados, objetivando uma “veridicção” – o ato de recitar sua verdade a respeito de si mesmo – numa relação confessional, de poder, na qual, curiosamente, segundo Foucault, fala aquele que busca o conhecimento, enquanto aquele que conhece e detém o poder, ouve, julga e valida ou não a veridicção. Nessa imbricada relação de saber e poder a confissão inventa a própria interioridade do cristão, mas também do sujeito moderno.

No entanto, enquanto a hermenêutica cristã se coloca num registro religioso e moral da decifração das tentações e pecados da carne, a hermenêutica moderna se aplica à problemática do desejo, da sexualidade, operando num registro técnico-científico. Isso é parte do diálogo estabelecido por Foucault (1988) com a psicanálise no volume I da “História de sexualidade: A vontade de saber”, onde ele afirma traçar uma “arqueologia da psicanálise”.

Foucault (1988) chega a afirmar que vistos de uma perspectiva genealógica o consultório psicanalítico e a clínica psicológica são debitários da relação confessional cristã, postos, evidentemente em registros, espaços e tempos bem diferentes, ao que Lacan responde de forma discordante, alegando que ao padre confessa-se aquilo que passa pela consciência: atos, palavras, pensamentos e sentimentos, mas ao psicanalista confessa-se aquilo que se desconhece, que não se apresenta à consciência.

Discordâncias à parte, é fato constatado que há muito a confissão transbordou o confessionário, os contextos da religião e da ética cristãs, e extrapolou um registro meramente moral, difundindo-se amplamente pela sociedade moderna, em relações profissionais: na medicina, nas ciências “psi”, na justiça, nas escolas, empresas e instituições diversas, em relações comerciais, sociais, mas também na intimidade, nas relações familiares, entre pais e filhos, entre casais, irmãos, transformando-se numa poderosa matriz de produção de verdades a respeito do sujeito em nossa cultura.

VI – Se a problematização da sexualidade, central à experiência ética moderna, apresenta vestígios de uma proveniência cristã, as questões do sujeito e da subjetividade – igualmente centrais à ética moderna – deixam transparecer outros elementos:

- a questão do sujeito provém da filosofia moderna, particularmente da “teoria do conhecimento”, remonta a Kant, ao sujeito do conhecimento, sujeito cognoscente, mas acaba contaminando toda a filosofia moderna, caracterizada pejorativamente por Foucault como “filosofia do sujeito”, jogo tautológico entre o empírico e o transcendental;
- a questão da subjetividade, curiosamente, também provém da teoria do conhecimento, também remonta a Kant e sua problematização quanto às dificuldades em se atingir um conhecimento universal a partir de uma perspectiva particular, limitada. A solução para a questão é a figura do sujeito transcendental, que não é nenhum sujeito concreto mas uma categoria do conhecimento, que possibilita a superação da subjetividade entendida como obstáculo ao acesso à objetividade das coisas. Posteriormente, no final do século XIX, com Freud, é que esta questão filosófica virá a migrar para os domínios das “ciências psi”, ganhando conotação positiva, passando a designar um campo de experiências do sujeito.

Todas essas questões – da sexualidade, do sujeito e da subjetividade – são estratégicas para a modernidade, demandando investimentos de saber-poder no sentido de equacioná-las. Assim, nossa cultura tem desenvolvido poderosas tecnologias de objetivação e subjetivação de indivíduos, visando a vigilância dos seus corpos e o governo das suas condutas, além de colocar em movimento todo um conjunto de práticas, elaborações e trabalhos do sujeito em relação a si mesmo, que implicam em um governo ético do sujeito sobre si.

A cultura moderna, antropocentrada e antropomórfica, através das filosofias do sujeito e das ciências humanas emergentes ao longo do século XIX, produziu ainda um inestimável conhecimento sobre o sujeito em sentido muito amplo, em seus desdobramentos concretos, que dá suporte a tais relações de poder. E, de certa maneira, num sentido oposto, o que estamos produzindo aqui é o desdobramento de uma vontade de saber a respeito das questões do sujeito, do indivíduo e da subjetividade – estas modernas forma de existência às quais estamos ligados – também, das nossas formas de subjetivação, de estetização, de produção de nós mesmos, com uma finalidade política contrária: de instrumentalizar formas de resistência a todos esses jogos e tecnologias e dispositivos.

VII – No entanto, até por necessidade de maior precisão histórica, faz-se necessário distinguir modernidade de contemporaneidade, separar aquilo que é caracteristicamente moderno daquilo que nos é contemporâneo e já não é mais exatamente moderno. Poderíamos evocar aqui a discussão sobre modernidade x pós-modernidade mas temo não ser adequado, até para marcar distância em relação a uma leitura pós-moderna de Foucault. Trata-se apenas de marcar algumas diferenças

entre nosso tempo – contemporâneo – e as tradições modernas dos séculos XVII, XVIII, XIX, e até mesmo a primeira metade do século XX, muito diferentes do final do século passado e do nosso presente neste início do século XXI.

Nota-se que particularmente neste domínio das relações o sujeito consigo mesmo aconteceram muitas modificações nos últimos anos, decorrentes de pressões por mudanças de valores, de práticas, de condutas, de modos de vida e também como exercício de resistência a modos viciosos de subjetivação, fascistas, racistas, sexistas, preconceituosos, intolerantes. Aquilo que Foucault (1995) caracteriza no texto “O sujeito e o poder” como luta pela afirmação do direito à diferença, contra os poderes ao mesmo tempo individualizantes e totalizantes do Estado.

Se a modernidade já vinha desenvolvendo desde os séculos XVII e XVIII uma poderosa tecnologia de produção de corpos e indivíduos, o século XX, com ferramentas teóricas e práticas oferecidos pelos saberes e práticas “psi”, desenvolveu uma ainda mais poderosa tecnologia de trabalho, produção e estetização da subjetividade.

Desde o final do século XIX os saberes “psi” vem-se firmando como conhecimento mas também tecnologia de intervenção sobre a subjetividade, sobre o inconsciente, mas também sobre a cognição, capacidades, sentimentos e emoções, sobre o comportamento, as condutas e reações dos sujeito, desenhando uma diversidade de sujeitos psicológicos e produzindo uma diversidade de instrumentos e técnicas aplicáveis a situações diversas em campos diversos: na clínica, nas escolas, organizações, na saúde, na sociedade, na aplicação de políticas públicas. Como tecnologia de intervenção sobre a subjetividade a psicologia pode operar tanto produzindo quanto desconstruindo ou transformando características específicas ou um conjunto delas.

Nos passa despercebido mas a vida no século XX é amplamente atravessada por saberes, práticas e tecnologias “psi”: os poderes encontram-se psicologizados, utilizados, nas organizações, nas escolas, na educação familiar, nas relações afetivas e nas relações do sujeito consigo mesmo.

Os saberes “psi” tem sido demandados como ferramentas nesta busca pelo conhecimento e pela verdade de si mesmo, nesta vontade de saber a respeito de si mesmo, da qual o sucesso dos livros de auto-ajuda são uma mostra. E há também uma persistente demanda por instrumentos de produção e transformação de si mesmo com vistas a estéticas circulantes nas mídias, na Internet, em redes sociais, sites e blogs diversos, que exigem uma elaboração, um trabalho psicológico do sujeito sobre si mesmo.

VIII – As estéticas contemporâneas são profundamente exigentes e elaboradas, articulando uma dietética restritiva e ascética, que regula hábitos e prazeres alimentares, a normas de saúde minuciosas, difíceis de serem atendidas. A medicalização contemporânea da vida, a vigilância médica e os cuidados médicos consigo mesmo são mostras destes modos de subjetivação aos quais estamos

sujeitos, ou dos quais somos sujeitos. Também a patologização das condutas cotidianas, a banalização da regulação dos humores pelo uso indiscriminado de psicofármacos, a proliferação de epidemias psicológicas de ágorafobia, pânico e depressão apontam para modos de subjetivação e formas medicalizadas de cuidado do sujeito em relação a si mesmo.

Temos hoje a nosso dispor toda uma tecnologia de trabalho e produção de corpos em academias, envolvendo disciplinas corporais: produção de potência física, de músculos, de agilidade, destrezas e também saúde – aspectos funcionais – mas, ainda, estéticos, produzindo beleza e constituindo certa “corpolatria”: um exacerbado culto ao corpo. Vale lembrar que a anátomopolítica emerge no século XVII mas não cessa de produzir corpos dóceis e úteis para o capital ao longo de toda a modernidade, no entanto, parece que a disciplinarização contemporânea incorpora alguns elementos da estética da existência grega, de isonomia entre mente e corpo saudáveis e belos, agregando certa produção de beleza ao utilitarismo capitalista, maquínico, operado pela anátomopolítica.

Enquanto a problematização da sexualidade caracteristicamente moderna remete à figura do dispositivo de sexualização desenhada em “A vontade de saber”, que opera pelo jogo binário da heteronorma, que marca e exclui o diferente, quando não o patologiza, “tratando-o” – também no sentido clínico – como anormal, submetendo-o a práticas de heteronormalização, a problematização contemporânea da sexualidade abre-se e de certa maneira se dispersa nos efeitos do enunciado da diversidade sexual, que implicam certa multiplicação da norma. Deslocamentos enunciativos, de normalização de práticas e condutas sexuais, de uso dos prazeres, mas também deslocamentos estéticos que requerem transformações subjetivas e corporais, trabalhos dos sujeitos sobre si, estetizações e produções de si como sujeitos sexuais. Neste contexto a recusa da norma e do jogo de marcação das “identidades sexuais” opera como prática de resistência, luta pelo direito ao exercício da diferença.

E não se pode deixar de notar que as relações com e através da Internet vão assumindo um lugar cada vez mais central em nossas vidas: compramos na Internet; trabalhamos na Internet; estudamos e adquirimos conhecimento na Internet; jogamos e nos divertimos na Internet; nos expomos na Internet; buscamos diagnósticos e conhecimentos a nosso respeito na Internet; buscamos também técnicas de transformação de nós mesmos, nossos corpos e subjetividades na Internet; conhecemos pessoas e namoramos através da Internet; mantemos relações familiares e íntimas através da Internet – todas essas modalidades emergentes de relação implicam novas formas de subjetivação e de relações do sujeito consigo mesmo. As redes sociais vem se tornando cada vez mais o espaço por excelência para o exercício de relações com os outros e do sujeito consigo mesmo, objetivando alcançar ideais estéticos circulantes.

IX – Para maior aprofundamento penso que deveríamos trabalhar um pouco melhor alguns conceitos que estão sendo aqui utilizados e as relações que se pode estabelecer entre eles – os conceitos centrais de subjetivação; modos e formas de subjetivação; trabalho sobre si mesmo; produção de si; estetização de si e o que se pode entender por “estética da subjetividade”:

- ponto de partida: nas suas diferenças, são todos da ordem da relação, referem-se a relações, tipos de relações, relações éticas do sujeito consigo mesmo mediadas por preceitos, normas e/ou estéticas; são práticas de si, relações que os sujeitos estabelecem consigo mesmos e conforme seu nível de elaboração compõem tecnologias de si;
- subjetivação é um tipo de relação onde o sujeito se coloca como objeto para si mesmo no sentido de operar um trabalho sobre seu corpo, sua subjetividade, sua identidade, com base em enunciados, preceitos, normas, estéticas, trabalho que muitas vezes objetiva algum tipo de transformação ou conversão;
- uma relação de subjetivação pode se desenvolver em diferentes direções conforme a vetorização de forças que a orienta: pode envolver um componente predominante de assujeitamento, ligado ao reconhecimento de si como sujeito de um enunciado, preceito ou norma, mas pode ainda ser propriamente “positiva” – dito em termos de biopoder – possibilitando ao sujeito produzir-se, tendendo mais a um exercício de liberdade e resistência;
- é dessa vetorização que se trata quando nos deparamos com o emprego nada aleatório dos termos “modos de subjetivação” ou “formas de subjetivação”: importante sutileza da ética de Foucault. Um modo de subjetivação é assujeitante, de ordem maquínica, molar e refere-se a efeitos normalizadores e subjetivantes de ações dos dispositivos sobre os sujeitos. Já, formas de subjetivação – no plural – refere-se a uma diversidade de possibilidades de relação do sujeito com enunciados, normas e principalmente estéticas, que tendem ao exercício de liberdade, a práticas de resistência numa busca de “linhas de fuga” aos jogos dos dispositivos;
- pensados em termos de práticas sociais e de poder os jogos de subjetivação encontram-se em imediata relação com jogos de objetivação, equação de forças que resulta na constituição do sujeito, do seu corpo e sua subjetividade. O sujeito possível em Foucault – histórica e politicamente constituído – se produz nas confluências, nos enfrentamentos, nas resultantes da vetorização entre forças de objetivação e subjetivação;
- trabalho sobre si mesmo é todo tipo de operação do sujeito sobre seu corpo, subjetividade ou identidade, num sentido mais “reativo” de submeter-se, de negar-se, ou mais “ativo” de produzir-se, estetizar-se. Esta operação sobre si pode, conforme seu nível de elaboração, constituir uma tecnologia;
- produção de si refere-se a um tipo de trabalho “positivo” sobre si mesmo que se opera como exercício de liberdade ou prática de resistência;
- estetização é um tipo de produção de si que toma como referência uma estética, modelos ideais ou concretos a serem alcançados. Na verdade a estetização e produção de si são prática solidárias e interdependentes: uma serve de suporte à outra. A estetização da subjetividade envolve certa pro-

dução de si mesmo como sujeito psicológico singular: uma composição de certo modo particular de ser, de sentir, se apresentar, se expressar, se conduzir, reagir, se singularizar e marcar sua própria identidade;

- e uma estética da subjetividade envolve certa modelização circulante na cultura, com elementos ideais e concretos, envolvendo aspectos corporais: formas de se vestir, se apresentar, se produzir; e também modos de vida, formas de ser, de se conduzir, estilos pessoais, preferências, identificações possíveis, formas de ser mais ou menos belas, valorizadas, desejadas.

X – Observação final: deve-se notar, no entanto, que toda esta tecnologia contemporânea de estetização e produção de si é profundamente narcísica e autocentrada, acentuando o individualismo moderno. Cada vez mais nos colocamos no centro do nosso próprio mundo, cada vez mais nos relacionamos mediados pela internet, virtualmente, em redes sociais, nos distanciando cada vez mais do outro, vendo cada vez menos o outro na sua singularidade, em presença, em relações face-a-face.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. & GUATTARI, F.. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

_____. “Tecnologías del yo”. In: MOREY, M. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós/ICE-UAB, 1990, p.45-94.

_____. “O sujeito e o poder”. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. M. *Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.231-249.

_____. *La hermenéutica del sujeto*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO TADEU GRAZIOLI é Doutor e Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo/RS (UPF). Especialista em Metodologia do Ensino da Literatura e Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Professor do Departamento de Ciências Humanas da URI, da Faculdade Anglicana de Erechim/RS (FAE) e do Colégio Franciscano São José. Coordenou o segmento de Literatura Infantil e Juvenil da Habilis Press Editora por cinco anos. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Produção Crítica sobre Conteúdos Artísticos em Mídias Digitais/Internet - Edição 2009, a partir da qual desenvolveu a pesquisa *Leitura e fruição na tela: um olhar crítico em direção à ciberpoesia*. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2010, com a qual desenvolveu o projeto *Leitura dramática: revelando a dramaturgia brasileira para jovens leitores e suas comunidades*. Contemplado com a Bolsa Biblioteca Nacional/FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2012, a partir da qual desenvolveu o projeto *Dramaturgia e jovens leitores: encontros necessários nos territórios da cidadania*. Autor de *Teatro de se ler: o texto teatral e a formação do leitor* (Ediupf), que teve sua segunda edição em 2019. Organizou, entre outras, as obras: *Teatro infantil: história, leitura e propostas* (Positivo), sobre dramaturgia para crianças e jovens, que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2016 (Produção 2015), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); e com Rosemar Eurico Coenga, *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar* (Habilis Press), que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2019 (Produção 2018), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da FNLIJ.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alemão 52, 53, 54, 55

C

Carpinejar 6, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69

Complexidade 71

Concepções de gêneros 96

Crônica 59

D

Dicionário terminológico 221, 231

E

Educação bilíngue 160

Energias renováveis 221, 222, 232

Ensino 7, 9, 3, 6, 7, 15, 16, 19, 23, 24, 83, 87, 93, 94, 96, 137, 144, 165, 168, 183, 194, 206, 207, 208, 233

Escrita 11, 14, 108, 137, 142

Escrita Colaborativa 137

F

Fala 11, 108, 111

G

Gêneros textuais 15, 23, 107, 144, 181

H

Habilidades linguísticas 1

L

Letramento crítico 15, 23

Língua de Sinais 160, 162, 163, 166, 168, 169, 170, 171

Língua Inglesa 15, 53

Literatura 6, 9, 51, 52, 55, 59, 64, 69, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 81, 89, 194, 233

Livro didático 96

O

Oralidade 183

P

Perífrase 47, 48

Poesia 59, 70

Português 6, 7, 37, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 83, 87, 88, 90, 92, 94, 95, 107, 138, 166, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 189, 194, 195, 203, 205, 206, 207, 222, 232, 233

Produção de texto 96, 160

Prosa poética 59

S

Sujeito Político 108

T

Transdisciplinaridade 71

U

Unidades fraseotermológicas 221

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-493-1

